

Organização
Ismar de Oliveira Soares
Claudemir Edson Viana
Lígia Beatriz Carvalho de Almeida
Raija Maria Vanderlei de Almeida

Educomunicação e Educação Midiática nas Práticas Sociais e Tecnológicas pelos Direitos Humanos e Direitos da Terra

INSTITUTO
**PALAVRA
ABERTA**

AB Associação
Brasileira de
Pesquisadores e
Profissionais em
educom

nce  **USP**
Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo

 **Universidade Federal
de Campina Grande**

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada em sistemas eletrônicos, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos ou outros quaisquer sem autorização prévia da editora.

Primeira edição, 2023

Apoio:

NCE – Núcleo de Comunicação e Educação da USP

Arte da Capa:

Nathalia Ferreira Guimarães

Criação, Editoração, Diagramação e Design:

Paula Sanae Lopes Nishiwaki (Discente de Educomunicação – ECA/USP – Bolsista PUB-2023-24) | Thais Bandeira Laia (Discente de Educomunicação – ECA/USP – Bolsista PUB-2023-24).

Comissão Editorial:

Prof.a. Dra. Antonia Alves Pereira (ABPEducom, NCE-USP e Unemat/MT) | Prof.Dr. Antônio Nolberto de Oliveira Xavier (ABPEducom/UESC-BA) | Prof.Dr. Claudemir Edson Viana (NCE/ECA/USP) | Prof.a. Dra. Cristiane Parente de Sá Barreto (ABPEducom/ Universidade do Minho-PT) | Prof.Dr. Diogo Lopes de Oliveira (UFMG/ABPEducomNE) | Prof.a. Dra. Filomena Maria Avelina Bonfim (UFSJ) | Prof.Dr. Francisco de Assis Silva (UEBA/ABPEducomNE) | Prof.Dr. Heinrich Araújo Fonteles (ABPEducom). | Prof.Dr. Ismar de Oliveira Soares (ECA e NCE/USP, ABPEducom) | Prof.a. Ms. Jurema Brasil Xavier (NCE e ABPEducom) | Prof.Dr. Leopoldo Cavaleri Gerhardinger (PainelMar) | Prof.Dra. Lígia Beatriz Carvalho de Almeida (UFMG/ABPEducomNE) | Prof.Dr. Marciel Consani (CCA/ECA/USP e NCE-USP) | Prof. Dr. Maurício Virgulino da Silva (NCE e ABPEducom) | Prof.a. Dra. Paola Prandini (AfroEducação, NCE USP, ABPEducom) | Prof.Dr. Rafael Guié Martini (UDESC/ABPEducom SC) | Prof.Dr. Raija Maria Vanderlei de Almeida (UFMG/ABPEducomNE) | Prof.a. Dra. Rosane Rosa (Associada ABPEducom/UFMS) | Prof.a. Dra. Rose Mara Pinheiro (ABPEducom/UFMS) | | Prof.Dr. Rosildo Raimundo de Brito (UFMG) | Prof.a. Dra. Tatiana Gianordoli Teixeira (ABPEducom) | Prof.a. Dra. Tatiana Gianordoli Teixeira (ABPEducom) | Claudineia Edna Vianna Guidetti (secretária da ABPEducom).

Patrocínio:

Instituto Palavra Aberta, ABPEducom, NCE-USP

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Educomunicação e educação midiática nas práticas sociais e tecnológicas pelos direitos humanos e direitos da terra [livro eletrônico] / organização Ismar de Oliveira Soares...[et al.]. -- 1. ed. -- São Paulo : Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação, 2023.
PDF

Vários autores.
Outros organizadores: Claudemir Edson Viana, Lígia Beatriz Carvalho de Almeida, Raija Maria Vanderlei de Almeida.
Bibliografia.
ISBN 978-65-87460-06-2

1. Artigos - Coletâneas 2. Comunicação
3. Direitos humanos 4. Práticas midiáticas
I. Soares, Ismar de Oliveira. II. Viana, Claudemir Edson. III. Almeida, Lígia Beatriz Carvalho de.
IV. Almeida, Raija Maria Vanderlei de.

23-186439

CDD-371.1022

Índices para catálogo sistemático:

1. Educomunicação 371.1022

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

A aprendizagem nas práticas sociais como direito humano, segundo educadores

Marcelo Augusto Pereira dos Santos ¹

Claudemir Edson Viana²

Fernanda Simplicio dos Santos³

Introdução

Para iniciar nossa reflexão, vamos pensar sobre a linha que separa as reflexões entre a comunicação e a educação. De forma simples, sem avançar em discussões profundamente epistemológicas, uma hipótese significativa que carece de dados, mas que tem sentido a partir da reflexão pesquisadora (Morin, 2006), é a presença no discurso científico da educação dos termos ensino e aprendizagem, possivelmente pouco usados no campo da comunicação.

Mas o que existe não é uma linha, é uma interface. Nela, há um espaço gradiente entre os dois campos, e é nesse espaço que a educomunicação

¹ Mestrando em Ciências da Comunicação, na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. marklienista@gmail.com.

² Docente e Coordenador Pedagógico da Licenciatura em Educomunicação e docente na Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. Coordenador do Núcleo de Comunicação e Educação (USP). Secretário Executivo da ABPEducom - Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação.

³ Mestranda em Ciências da Comunicação, na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. fernandasimplicio@usp.br.

encontra seu lugar, assim, espera-se que ela apresente esses dois termos de forma significativa em seu discurso científico.

Entretanto, há uma diferença entre os dois termos. Sempre que há ensino, também há aprendizagem, inclusive sendo comum combiná-los, como quando se menciona, por exemplo, processos de ensino e aprendizagem. Vale salientar um problema na afirmado anteriormente, pois nem sempre uma forma de ensinar garante que alguém aprenda, ou pelo menos aprenda aquilo que se quer ensinar. Aqui, o adequado seria dizer que a presença de processos de ensino gera reflexões sobre a aprendizagem. Preservemos esse ponto para os educadores, por enquanto.

O que podemos apontar é a aprendizagem como um fenômeno independente do ensino, presente nas diferentes práticas sociais, comunicativas, artísticas e de trabalho, indo além das práticas educativas. Ou seja, a aprendizagem é discutida por diferentes campos, não sendo exclusiva da educação, mesmo que seja colocada como responsável fundamental, do trabalho de fazer alguém aprender. De qualquer forma, nos exemplos citados, a aprendizagem sempre está a serviço da própria prática, o que se aprende trabalhando em determinado contexto terá valia justamente para o mesmo contexto. Nesse sentido, é necessário um recorte para avançarmos no que esta pesquisa se propõe, uma aprendizagem relacionada com o que é ser cidadão

As tradicionais agências de socialização - escola e família - vêm se confrontando, nos últimos tempos, com os meios de comunicação, que se constituem em outra agência de socialização. Há entre elas um embate permanente pela hegemonia na formação dos valores dos sujeitos, buscando destacar-se na configuração dos sentidos sociais. (Baccega, 2011, p. 31)

Envolve noções de direito e convivência na construção de sentidos por meio das práticas sociais, bem como conhecimentos para a efetivação dessas noções, um processo significativamente afetado pelas tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs)⁴. No mundo atual, está em disputa: “as aprendizagens estão em concorrência, às vezes ganha a escola, outras vezes a família, outras ainda a religião, contudo faz tempo que quase sempre ganham os meios de comunicação.” (Orozco-Gómez, 2014, p. 25).

Vale dizer que a educomunicação chega trazendo consigo a visão que busca construir e consolidar na sociedade brasileira, em acordo com os direitos humanos universais:

Um paradigma teórico-metodológico que entende as relações interpessoais como o foco principal e diferenciado das intervenções socioeducativas, e é a favor da ampliação da capacidade de atuação dos participantes do processo no ciberespaço, com ênfase no comprometimento com a ética, o respeito ao próximo e o espírito de comunidade.” (Viana; Mello, 2013, p. 36).

A aprendizagem em foco aqui é uma aprendizagem com relevância social, empreendida e permeável em diferentes contextos, com conteúdos para todos os indivíduos, característica homóloga à educomunicação, dada a sua diversidade de atuação em realidades como saúde, meio ambiente, direitos humanos, ciência, artes, plataformas e redes de ensino

Como o campo define a aprendizagem?

- Os pesquisadores e profissionais educomunicadores enxergam a aprendizagem de forma crítica?

⁴ TDICs abarcam diferentes termos: produção audiovisual, mídia, sites, blog, televisão.

- Existe uma herança da tradição educativa que associa a aprendizagem ao ensino?
- O que a educomunicação compreende e contribui para a aprendizagem?

Com esses questionamentos, essa pesquisa tem como objetivo caracterizar o termo ‘aprendizagem’ na educomunicação, por meio do discurso científico do campo, entendendo sua presença e uso. Vale dizer que o termo ‘ensino’, para nós, tem menor grau de importância aqui, e se posiciona apenas como indicador qualificando o uso, quando presente, do termo foco na aprendizagem.

Não se espera encontrar novos achados dentro da ciência da aprendizagem produzidos pelos educadores, dado o percurso recente do campo. Considerando a transdisciplinaridade essencial da área, a pesquisa busca compreender a narrativa que a educomunicação se apropriou a partir dos conhecimentos de outros campos e como utiliza esse conceito em seu discurso.

A metodologia utilizada aqui é a revisão da literatura, sendo, portanto, necessária a seleção de uma produção que seja representativa, atual, reconhecida e viável.

Entre as diferentes instituições e núcleos de pesquisa, uma das mais significativas é a Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação (ABPEducom), que conta com mais de 230 associados e tem fomentado, ao longo da última década, iniciativas de cursos, seminários e publicações, concretizando seu primeiro objetivo de “promover a circulação de conhecimento interdisciplinar no âmbito das relações científicas, institucionais e culturais acerca do campo da Educomunicação” (2022).

Utilizando nossos parâmetros, a ABPEducom apresenta publicações atuais de 2021 e é reconhecida pelos diferentes centros de pesquisa em diversas universidades públicas do país. Tradicionalmente, as

publicações consistem em coleções de artigos, tornando sua análise temporalmente viável e representativa do discurso do campo, dada a diversidade de autores presentes nas publicações.

Para nos aproximarmos da amplitude do tema abordado, aplicamos o recorte de 2021, com o objetivo de contextualizar a temática aos trabalhos mais recentes do campo. Assim, temos três opções de publicação da ABPEducom, e para essa escolha, realizamos um comparativo (Tabela 1) de artigos e a presença do termo aprendizagem.⁵

Tabela 1 – Análise Quantitativa das Publicações ABPEducom 2021

Publicação	Quantidade de Artigos	Incidência do termo Aprendizagem
Trajetórias da Educomunicação nas Políticas Públicas e a Formação de seus Profissionais (Viana; Soares, 2021)	43	128
Educomunicação em Tempos de Pandemia: práticas e desafios (Fiuza; Martini; Sartori, 2021)	26	155
Protagonismo Infantojuvenil nos Processos Educomunicativos (Almeida; Viana, 2021)	53	292

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

A publicação “Protagonismo Infantojuvenil nos Processos Educomunicativos” (Almeida; Viana, 2021) se torna a escolha por possuir a maior quantidade de artigos e pelo maior número de vezes que o termo "aprendizagem" aparece. Outra característica relevante é a

⁵ Para esta análise consideramos a obra em sua totalidade, incluindo todos elementos textuais complementares ao discurso científico por entender que teriam pouco impacto nos resultados.

proximidade temática dos artigos com o protagonismo, pois se relaciona muito com a aprendizagem. Vale ressaltar que essa não é uma reflexão sobre ensino, nem sobre um processo de ensino-aprendizagem. Esse ângulo coloca a criança e o jovem no centro, capazes de pesquisar, conhecer e aprender assuntos de seu interesse como sujeitos produtores de cultura. Por isso, essa produção, tematicamente, está alinhada com nossos objetivos, colocando crianças e adolescentes como protagonistas de sua aprendizagem, não porque isso resulta em mais aprendizagem, mas porque aumenta a relevância de se refletir sobre a aprendizagem.

Para estruturar nossa abordagem, utilizaremos a análise de conteúdo, com base na metodologia proposta por Laurence Bardin (1977). Essa abordagem enriquece nossa tentativa exploratória e aumenta a propensão à descoberta, uma vez que buscamos inferir sobre as questões apresentadas e compreender como a educomunicação trata a aprendizagem em seu discurso científico, com base nas perguntas mencionadas anteriormente.

Como técnica, empregaremos a análise categorial, inicialmente quantitativa e, posteriormente, qualitativa. O que caracteriza a análise qualitativa é o fato de que a inferência, sempre que realizada, é fundamentada na presença dos índices (temas, palavras, personagens etc.) e não apenas na frequência de sua aparição em cada comunicação individual (Bardin, 1977, p. 115).

Ao identificar convergências, divergências, ausências e dimensões da presença da aprendizagem, poderemos oferecer elementos significativos aos pesquisadores e profissionais do campo, tanto para a construção de estudos quanto, principalmente, para a criação de práticas ainda mais transformadoras, que promovam uma compreensão ampliada dos direitos humanos.

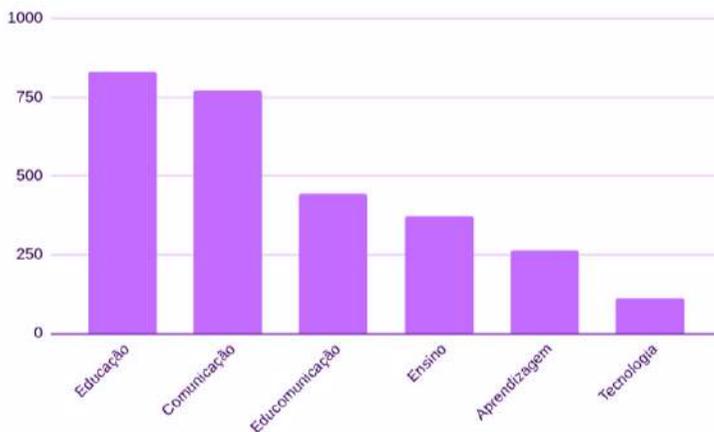
Antes de apresentarmos a análise descritiva e interpretativa, é importante ressaltar que os dados analisados referem-se ao discurso

científico, excluindo trechos complementares como referências bibliográficas, notas, leis e currículos dos autores.

1. Presença dos termos

Uma primeira verificação relevante é entender se realmente o ensino e a aprendizagem aparecem de forma significativa. Para isso, analisar apenas a quantidade desses dois termos não é suficiente. Torna-se necessário ter parâmetros comparativos. Portanto, quantificamos os termos comunicação e educomunicação, por entender que o processo comunicativo é central tanto para o campo quanto para a sociedade. Além disso, como a educomunicação é um campo em desenvolvimento, espera-se que o termo educomunicação esteja presente. Também incluímos o termo tecnologia, pois consideramos que a educomunicação busca ressignificar seu uso em contextos educativos.

Gráfico 1 – Análise Quantitativa de Termos Relevantes



Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Nossa reflexão inicial parece encontrar evidências. Há presença dos termos mais educacionais (Educação, Ensino e Aprendizagem) em quantidades próximas ou superiores em relação aos termos mais relacionados à educomunicação (Comunicação, Educomunicação e Tecnologia). Isso demonstra a relevância dos educadores discutirem, mesmo que de forma interdisciplinar, o uso e os sentidos desses termos.

A educação aparecer mais do que a comunicação nos provocou a pensar que boa parte dos artigos tem a escola como foco, hipótese logo confirmada ao aparecer 586 vezes. A palavra "aprendizagem" aparece 263 vezes, em 43 (81%) dos 53 artigos, o que demonstra que esse termo se relaciona com a maioria das temáticas discutidas.

2. Análise por categoria

A partir desse universo, foi feita a leitura de cada aparição, em busca de interpretação do sentido usado e, a partir disso, foram emergindo, seguindo a abordagem metodológica utilizada (BARDIN, 1977), categorias que nos ajudam a buscar achados mais organizados, padronizações que pudessem fazer emergir significações e sentidos de uso. Importante ressaltar que o foco inicial era buscar uma conceituação do termo aprendizagem, então uma categoria inicial é Conceito, que será explorada abaixo, sendo a última a ser explorada. Temos mais duas categorias que representam recortes, pois em seus contextos de uso apresentaram singularidades.

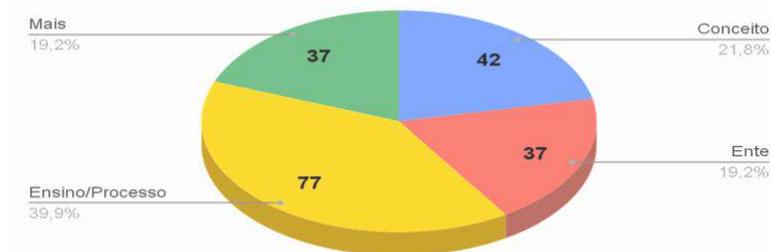
No artigo "Tensionamentos teóricos sobre a práxis educacional na participação juvenil em movimentos sociais" (Ketzler; Rosa, 2021) há uma citação da autora Maria da Glória Gohn em que são apresentadas doze caracterizações para o termo aprendizagem: prática, teórica, técnica instrumental, política, cultural, linguística, sobre economia, simbólica, social, cognitiva, reflexiva e ética, com explicações para cada uma. Contudo, ao longo do artigo, esses termos não são mais usados atrelados

ao termo aprendizagem. Nesse sentido, carece de contexto de uso essas aparições, por isso retiramos da totalidade de análise e definimos na categoria Sem Contexto.

Criamos uma categoria chamada Estudos, pois em três artigos o termo é muito utilizado (58 vezes), no sentido de compreender como a aprendizagem se dá em determinados processos. Ao analisar as aparições no discurso desses três artigos, é possível encontrar diferentes usos, que poderiam se encaixar em outras categorias. No entanto, como os textos são estudos sobre a aprendizagem, optamos por agrupar todas as aparições dentro da categoria Estudos, pois acreditamos que isso contribui mais para compreender o conjunto do discurso, em vez de analisar cada aparição individualmente. Isso ocorre porque os termos já são usados de forma analítica em busca de compreensões sobre aprendizagem.

Excluindo as duas categorias de singularidades apresentadas, chegamos ao total de cento e noventa e três aparições. No gráfico abaixo, apresentamos as demais categorias e suas respectivas incidências, para posterior análise descritiva de cada uma.

Gráfico 2 – Análise Quantitativa das Categorias



Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

3. Ente

A categoria apresenta entes em que os autores definiram que sejam de aprendizagem ou que determinada ação torne um ente de aprendizagem. Abaixo, seguem os entes que foram assim determinados, organizados por quantidade de aparições.

Tabela 2 – Ente de aprendizagem

Aparições	Ente
6	Ambiente.
4	Espaço.
3	ambiente virtual;
2	ambiente pessoal; comunidade.
1	Computador/internet; conhecimento; contexto escolar; contextos; dificuldade; dinâmica; estratégia; foco; grêmio estudantil; mediador; meio mobilidade; necessidades; oportunidades; papel supremo da escola; propostas dinâmicas; reforço; resultado; situações; sociedade.

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Ambiente de aprendizagem é o item mais recorrente dessa categoria, ainda mais se considerarmos as duas aparições com a adição de virtual e pessoal. A palavra espaço é muito próxima, em sentido, da palavra ambiente. Parece haver uma preocupação espacial dos educadores, numa compreensão de como é relevante, para que a aprendizagem aconteça, ter uma intencionalidade na escolha ou na organização do espaço/ambiente.

4. Mais

Mais é a categoria para as vezes em que o uso da palavra aprendizagem está associado a algo contribuinte para aprender mais, ou seja, já existe uma preocupação com a aprendizagem, mas para que ela ocorra ou aconteça de forma mais efetiva, os autores apontam o que pode ajudar.

Tabela 3 – **O que faz aprender mais**

Aparições	
9	Tecnologia.
6	metodologia de projetos.
4	Educomunicação.
3	ambiente virtual.
2	interdisciplinaridade; protagonismo.
1	cidade educativa; Ciência Cidadã; colaboração; gestão democrática; horizontalidade; intercomunicação; novas metodologias; participação; produção audiovisual; sujeito; televisão; valorizada.

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

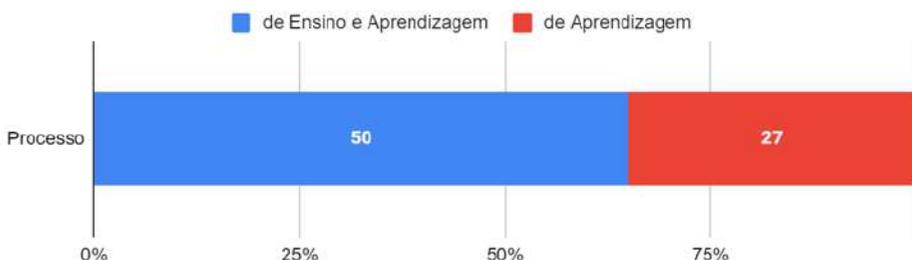
Alguns autores evidenciaram os motivos pelos quais os itens citados contribuem para a aprendizagem em relação aos três mais citados. Realizamos essa coleta de forma mais aprofundada. Em relação à tecnologia, ela facilita, amplia possibilidades e enriquece a aprendizagem, mas é necessário considerar o contexto de uso para que isso aconteça. A metodologia de projetos aumenta o interesse, a participação, a autonomia e o protagonismo. Por fim, a educomunicação motiva, incentiva o coletivo e adiciona a competência midiática. Esse detalhamento é uma coletânea e não demonstra necessariamente uma visão compartilhada. O que podemos destacar é uma ausência mais

evidente de quais objetivos de aprendizagem estão associados ou em que exatamente eles contribuem, no uso desses itens. Há apenas o apontamento de que, com eles, haverá mais aprendizagem.

5. Ensino e Processo

O exercício aqui é um pouco diferente. Retomando nosso objetivo de conceituar, a utilização da palavra aprendizagem junto com ensino ou com processo exclui a ideia de conceituação, pois os autores estão olhando para os processos. Mesmo assim, por meio do método interpretativo que estamos utilizando, podemos inferir significações dentro das outras categorias. No entanto, aproveitamos para apontar outra reflexão. Como educação e escola aparecem de forma significativa, é esperado que os processos analisados na obra sejam realmente processos de ensino e aprendizagem. No entanto, o uso apenas do processo de aprendizagem pode indicar uma reflexão, como fizemos inicialmente, de que nem todo ensino garante uma circunstância de aprendizagem daquilo que é esperado.

Gráfico 3 – Processos de Aprendizagem



Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Praticamente dois terços das vezes, o termo processo é indicado junto com o termo ensino, mas poderíamos esperar mais, dado os números da presença do termo educação. Por isso, possivelmente alguns autores já separam o discurso sobre esses dois processos.

6. Estudo

No artigo "O protagonismo juvenil na produção audiovisual e o letramento midiático: um mapeamento bibliográfico" (Oliveira; Arroio, 2021), os autores discutem a relação entre produção audiovisual e aprendizagem. No desafio de transformar informação em conhecimento, os autores visualizam o uso de produções audiovisuais para esse fim e questionam se há evidências dessa contribuição na aprendizagem. Uma reflexão dos autores é "investigar quais são os principais objetivos de aprendizagem, se é que existem alguns, para o emprego da produção audiovisual, dentro e fora do contexto formal de educação" (Oliveira; Arroio, 2021, p. 245). Não vamos replicar os achados dos autores aqui, mas vamos apontar, primeiramente, um interesse em aprofundar reflexões objetivas sobre aprendizagem. Um segundo ponto relevante é que, segundo os dados da Categoria Mais, o uso das TDICs como potencializadoras da aprendizagem pelos educadores é significativo. Contudo, parece apresentar-se mais como uma ideia motivacional, não necessariamente atrelada a algum objetivo específico de aprendizagem. Esse estudo, mesmo que tenha recortado o uso das TDICs na produção audiovisual, é relevante na perspectiva de sair dos deslumbramentos que muitas vezes as TDICs trazem, indo além de um uso motivacional e acessível, nos levando a pensar sobre a reflexão apresentada na categoria Mais, em compreender melhor quais são os objetivos de aprendizagem aos quais o uso das TDICs contribui. Em diálogo com essa reflexão, o artigo "O papel dos alunos em seu próprio processo educacional: produção de materiais audiovisuais e educação científica" (Rezende et al., 2021) relaciona a especificidade da

aprendizagem de química com o uso de produções audiovisuais. Esse artigo discute a presença da tecnologia, com reflexões acerca de seu real papel e contribuição para processos de aprendizagem, considerando as especificidades químicas. Aqui os autores trazem conceituação sobre aprendizagem, que utilizam para analisar produções audiovisuais, evidenciando como este amplia o que se aprende sobre química.

No terceiro artigo, "O protagonismo do aluno no design de tecnologia educacional e a questão da autonomia social" (Paizan, 2021), a autora se propõe a entender a aprendizagem a partir dos alunos, pois deseja "investigar suas crenças sobre o ensino e aprendizagem de inglês instrumental e o uso da tecnologia disponível nesse contexto" (PAIZAN, 2021, p. 568). A palavra protagonismo possui duas relevâncias: tanto o caso em que a autora se debruça é um processo de aprendizagem no qual os alunos são protagonistas, quanto a própria reflexão acerca da aprendizagem também é protagonizada por eles.

Entendemos que esses três artigos oferecem reflexões significativas aos educadores e demonstram como a aprendizagem pode ser discutida em processos educacionais ou com o uso das tecnologias.

7. Conceito

Nem todos os contextos nos quais a aprendizagem foi conceituada eram explícitos. Por vezes, apresentam-se qualificações para o termo ou indicativos de que determinada ação alterava a forma de aprendizagem ou agregava uma característica singular à aprendizagem. No entanto, é importante salientar a diferença em relação ao uso na categoria Mais. Nessa categoria, a perspectiva é na quantidade, mesmo que a ideia fosse tornar um processo de aprendizagem com maior qualidade. Aqui, diferentemente, mesmo que resulte em mais aprendizagem, o foco de uso das aparições categorizadas em Conceito era ou definir de qual aprendizagem se fala, ou o que determinado processo mais colabora, ou

ainda o que determinado processo contribui de forma diferente para a aprendizagem.

Nesse sentido, foi necessário aprofundar a análise, entender o contexto de uso, ser mais interpretativo, equilibrar subjetividade e objetividade para encontrar, nas linhas ou nas entrelinhas, o que os educadores pensam sobre a aprendizagem. Os achados apontaram para três subcategorias principais, e utilizamos os próprios termos encontrados para nomeá-las.

Tabela 4 – **Conceitos: Acontecimentos e Qualificações**

Materialidade da ação	apropriação; desafios; dimensões; experiências; imersão; informalidade; integração entre pesquisa, síntese, narrativa e relatos; jogos; materialidade da ação; pensamento criativo; pensar brincando; projetos; próprias formas; recompensas; relação entre sujeito e conteúdo; tecnologias; transformação; não se finda na atividade;
Dialógica	autonomia; confiança; diálogo; horizontalidade; interação professor/aluno; paixão; parcerias; participação.
Significativa	ativa; capacidade cerebral de processar informações; conhecer sujeitos; criativa; efetiva; paradigma; recíproca; recurso; significativa; sinuosa; técnica.

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Os termos em Materialidade da ação apontam que a aprendizagem não acontece sem que nada aconteça, é necessária uma ação concreta, preparada com intencionalidade pelos educadores para que a aprendizagem tenha condições de acontecer. Aqui vale destacar o termo "informalidade" por reconhecer que a aprendizagem não necessariamente acontece em espaços formais e organizados. Há aprendizagem em todo canto, inclusive em processos informais.

Na subcategoria Dialógica, ninguém aprende sozinho. Sabemos que se aprende, mas para os educadores, há uma preocupação com as relações nos processos de aprendizagem, possivelmente entendendo que um professor esteja sempre presente. Assim, os contextos estudados demandam essa reflexão, e nela parece residir uma mudança significativa em relação ao papel que o mediador deve ter para que a aprendizagem aconteça de fato.

Por fim, em Significativa, encontramos o que, para os educadores, é uma aprendizagem com significado para quem a recebe. A partir dessa classificação, podemos inferir que a dialogicidade freireana torna-se um parâmetro, principalmente em uma obra que trata do protagonismo. Para efetivar a participação das crianças e adolescentes em seus processos de aprendizagem, o educador entende que o diálogo seja um caminho. A consequência disso é uma reflexão sobre seu papel em relação ao outro e em relação ao conhecimento.

Considerações finais

Um olhar mais atento para o conjunto de dados analisados nos traz alguns indicadores úteis para a prática, mas principalmente para uma reflexão epistemológica da educação. Como era esperado, o discurso científico da educação se apropriou das terminologias utilizadas nos outros dois campos de origem, com destaque para a Educação. No entanto, para que a educação avance como um movimento singular, diferenciando-se das discussões dos outros dois campos, torna-se necessário não apenas apropriação desses termos, mas também ressignificá-los a partir dos pressupostos educacionais.

Ao falarmos de aprendizagem, sobre o que estamos realmente falando? Percebemos que, mesmo que a educação aponte uma preocupação em desenvolver cidadãos críticos, capazes de exercer um impacto social, quando se trata de aprendizagem, essa preocupação não parece ser evidente.

A aprendizagem possui um aspecto educativo e de conteúdo, no qual se espera utilizar tecnologias, promover o diálogo, a colaboração e torná-la significativa para que crianças e adolescentes adquiram mais conhecimento. Esse conceito parece estar em desacordo com o restante do discurso e prática da educomunicação, pois os autores, em diferentes momentos, destacam a importância da construção de uma visão crítica. Aqui, o desafio epistemológico é construir uma conceituação de aprendizagem mais educacional do que educativa, no sentido de incorporar a criticidade e a reflexividade, assim como ocorreu com a dialogicidade, que está impregnada no conceito de aprendizagem.

Como apresentado pelos artigos da categoria Estudo, também é relevante que os educadores aprofundem a relação entre TDICs (Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação) e aprendizagem. Ao longo do discurso, não fica claro como a inserção das tecnologias afeta a aprendizagem. Em processos de aprendizagem, simplesmente adicionar tecnologias para se adequar aos tempos atuais ou para motivar mais crianças e adolescentes pode resultar em um uso comercial, ou seja, não-crítico, reforçando, muitas vezes, determinados comportamentos.

A questão dos processos de ensino e aprendizagem chama a atenção. Existe clareza entre os educadores sobre quando usar um termo ou o outro? Fazer uso apenas do processo de aprendizagem faz diferença? Entendemos que esse debate pode ser mais profundo do que parece, pois, muitas vezes, o termo ensino pode apenas indicar uma institucionalidade, mas também pode incorporar uma abordagem escolarizada.

Existem muitos outros achados que não foram explorados aqui. Tentamos ser mais generalistas, pois entendemos que é o mais adequado para este estudo. No entanto, todos os achados são baseados em um ponto de vista. As evidências encontradas não são evidências da realidade, mas sim uma interpretação que fizemos da realidade, com o intuito de provocar reflexões nos educadores, questionando se já

refletiram sobre qual aprendizagem estão falando e se estão preocupados com isso.

É um convite dialógico para que o campo da educomunicação aprofunde sua episteme em busca de convergências e divergências conceituais, subsidiando com maior solidez suas intervenções sociais na perspectiva de garantir os direitos humanos.

Referências

ABPEducom. *ABPEducom - Quem somos*. Disponível em <https://abpeducom.org.br/abpeducom/quem-somos/>. Acesso em 11 de out. de 2022.

ALMEIDA, Raija Maria Vanderlei; VIANA, Claudemir Edson (Org). *O Protagonismo Infantojuvenil nos Processos Educomunicativos*. São Paulo: ABPEducom, 2021.

BACCEGA, Maria Aparecida. (2011) *Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica*. In: CITELLI, Adílson Odair e

COSTA, Maria Cristina (Org). *Educomunicação, construindo uma nova área de conhecimento*. São Paulo: Paulinas, 1ª edição: 2021.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições, 1977. FIUZA, Patricia Jantsch; MARTINI, Rafael Gué; SARTORI, Ademilde Silveira (orgs). *Educomunicação em Tempos de Pandemia: Práticas e Desafios*. São Paulo: ABPEducom, 2021.

KETZER, Araciele Maria; Rosane, ROSA. *Tensionamentos teóricos sobre a práxis educacional na participação juvenil em movimentos sociais*: In: ALMEIDA, Raija Maria Vanderlei; VIANA, Claudemir Edson (Org). *O Protagonismo Infantojuvenil nos Processos Educomunicativos*. São Paulo: ABPEducom, 2021.

OLIVEIRA, Glauceide da Silva; ARROIO, Oliveira Agnaldo. *O protagonismo juvenil na produção audiovisual e o letramento midiático: um mapeamento bibliográfico*. In: ALMEIDA, Raíja Maria Vanderlei; VIANA, Claudemir Edson (Org). *O Protagonismo Infantojuvenil nos Processos Educomunicativos*. São Paulo: ABPEducom, 2021.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. *Educomunicação: recepção midiática, aprendizagens e cidadania*. São Paulo: Paulinas, 1ª ed. 2014.

MORIN, Edgar. *O paradigma complexo*. In: Introdução ao pensamento complexo. Porto Alegre: Sulina, p. 57-77.

PAIZAN, Delfina Cristina. *O protagonismo do aluno no design de tecnologia educacional e a questão da autonomia social*. In: ALMEIDA, Raíja Maria Vanderlei; VIANA, Claudemir Edson (Org). *O Protagonismo Infantojuvenil nos Processos Educomunicativos*. São Paulo: ABPEducom, 2021.

REZENDE, Daisy de Brito et al. *O papel dos alunos em seu próprio processo educacional: produção de materiais audiovisuais e educação científica*. In: ALMEIDA, Raíja Maria Vanderlei; VIANA, Claudemir Edson (Org). *O Protagonismo Infantojuvenil nos Processos Educomunicativos*. São Paulo: ABPEducom, 2021.

SOARES, Ismar de Oliveira; VIANA, Claudemir Edson. **Trajetórias da Educomunicação nas Políticas Públicas e a Formação de seus Profissionais**. São Paulo: ABPEducom, 2021.

VIANA, Claudemir Edson; MELLO, Luci Ferraz de. **Cultura digital e a educação como novo paradigma educacional**. Revista FGV Online, São Paulo, v.3, n.2, p. 31-49, jun, 2013.